



O DISCURSO RELIGIOSO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA EM UM DEBATE ELEITORAL POLÍTICO

Elaine Fonseca

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Este artigo tem por objetivo geral a realização de uma análise retórico-argumentativa de um debate político eleitoral realizado no ano de 2014 entre os candidatos à presidência da república brasileira na TV Aparecida. O objetivo específico é identificar a utilização de um discurso religioso como estratégia discursiva. Como respaldo teórico, além da prova retórica do *ethos*, desenvolvida por Aristóteles (384-322 a.C.), foram utilizadas algumas conceituações e categorizações elaboradas por Charaudeau (2006; 2007; 2008) acerca do discurso político e dos estudos da argumentação. Ao final da análise, foi constatada a tentativa de identificação com o auditório católico através da menção a personalidades e à simbologia católica e/ou à construção de um “*ethos* de católico” por parte dos candidatos.

Palavras-chave: Discurso político. Discurso religioso. Retórica. *Ethos*.

RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo general la realización de un análisis retórico-argumentativo de un debate político electoral realizado en el año de dos mil y catorce entre los candidatos a la presidencia de la república brasileña en la TV Aparecida. El objetivo específico de este artículo es la identificación de la utilización de un discurso religioso como estrategia discursiva. Como respaldo teórico, además de la prueba retórica del *ethos*, desarrollada por Aristóteles (384-322 a.C), se utilizaron algunas conceptualizaciones y categorizaciones elaboradas por Charaudeau (2006; 2007; 2008) acerca del discurso político y de los estudios de la argumentación. Al final del análisis se constató el intento de identificación con el auditorio católico a través de la mención a personalidades y a la simbología católica y/o la construcción de un “*ethos* de católico” por parte de los candidatos.

Palabras clave: discurso político. Discurso religioso. Retórica. *Ethos*.

Elaine Fonseca é doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais.
E-mail: elainecrisnl@yahoo.com.br.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No dia 16 de setembro de 2014, foi realizado o quarto debate televisivo entre os candidatos à presidência da república. Os candidatos Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB), Marina Silva (PSB), Luciana Genro (PSOL), Eduardo Jorge (PV), Levy Fidelix (PRTB), Pastor Everaldo (PSC) e Eymael (PSDC) se reuniram nos estúdios da TV Aparecida, na cidade de Aparecida do Norte, em um encontro idealizado pela CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil.

Os três debates anteriores não contaram com a presença do candidato Eymael, por seguirem a regra de convocarem somente os candidatos à presidência filiados a um partido político que possuíssem, de fato, representação política, ou seja, algum filiado de seu partido que exercesse algum cargo político. No entanto, por ser este um debate organizado por uma entidade católica, foi decidido que o candidato de um partido político católico também fosse convocado. Entre os vários debates realizados no primeiro e no segundo turno da corrida presidencial brasileira, optamos pela análise desse encontro em específico, uma vez que ele nos permite tratar de dois tipos de discursos que possuem grande notoriedade e influência na sociedade brasileira: o discurso político e o religioso.

Não que o tema religião ou o discurso religioso não tenham surgido de forma direta ou indireta em outros debates, mas por ser esse um encontro idealizado por um grupo católico e voltado a esse público. Assim, a expectativa é de que diferentes estratégias discursivas sejam utilizadas na tentativa de conquista e adesão desse público, sendo a utilização de um discurso religioso uma delas.

A princípio, o Brasil é um país laico, mas é impossível negar a grande influência que o discurso religioso, sobretudo o cristão, ainda exerce na sociedade: vejam-se os inúmeros feriados nacionais, estaduais e municipais em

datas religiosas; o uso corriqueiro de expressões linguísticas e provérbios que remetem a figuras religiosas (“Graças a Deus!”, “Fique com Deus!”, “Nossa Senhora!”, “Se Deus quiser!”, “Deus ajuda quem cedo madruga!”, “A voz do povo é a voz de Deus!”, etc.); a influência de crenças religiosas na elaboração e no seguimento de certas leis e as paixões e preconceitos que comumente permeiam discussões relativas ao tema.

Diante desse cenário, o objetivo geral de nosso trabalho é realizar uma análise retórico-argumentativa do debate político eleitoral citado anteriormente, tendo como foco a identificação do discurso religioso como estratégia discursiva.

Como respaldo teórico para nossa análise, utilizaremos algumas conceituações e categorizações propostas por Charaudeau (2006; 2007; 2008) acerca do discurso político e dos estudos retóricos.

1 RETÓRICA, POLÍTICA E RELIGIÃO

Segundo Reoul (2004), foi o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C) o responsável por uma sistematização da retórica como um estudo da argumentação. Em seu sistema, Aristóteles classificou os meios de persuasão em três categorias: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. O *ethos* reside no caráter do orador e em sua capacidade de ser visto como alguém que é digno de fé; o *pathos* é a capacidade de transmitir emoção em seu discurso e o *logos* apela à razão, quando se mostra a verdade ou o que parece ser verdade.

Ainda nos tempos mais remotos da *polis* grega, a relação entre retórica, política e religião já se fazia notar. Segundo Funari e Grillo (2012), na *Ilíada* de Homero, o relato da assembleia dos Aqueus é um exemplo revelador dessa relação. Essa assembleia teve como objetivo decidir se a guerra contra Troia continuaria ou não. Foram oradores: Agamêmnon, Tersides, Odisseu e Nestor. Agamêmnon, com sua estratégia



retórica política, foi muito bem-sucedido, pois convenceu o povo de que a guerra contra Troia deveria continuar. Ele foi muito aclamado, enquanto seus opositores: Tersides, Odisseu e Nestor, foram silenciados por seus ataques e críticas à sua incapacidade oratória. O conselho, composto pelo rei, anciãos e chefes guerreiros, desempenhou também papel importante, pois indicou o rumo a seguir, argumentando, sobretudo, com a evocação de ritos e fatores religiosos, o que lembrou ao povo a necessidade da obediência. A relação entre retórica, política e religião, como veremos, manteve-se através dos tempos até a atualidade.

Para Reboul (2004), o Cristianismo se tornou o grande depositário da arte da retórica ainda no fim da Idade Antiga, durante o esfacelamento do Império Romano. Embora, na época, houvesse grande rejeição aos autores pagãos por parte da Igreja, as estratégias retóricas não foram deixadas de lado no processo de conversão de vários fiéis, incluindo os invasores bárbaros. Mesmo a Bíblia, considerada a obra mais importante da cultura cristã, é extremamente retórica em sua estrutura, com a utilização de argumentações, analogias, exemplificações, hipérbolos, tal como ocorria nos textos gregos.

Na Idade Média, o elemento que assume importância dominante nos esforços persuasivos do pregador medieval é a irrefutabilidade da mensagem que ele passa para seus ouvintes. Ela deve ser baseada solidamente na autoridade e na eloquência natural da Sagrada Escritura. A verdade, nessa fase, não é aquela como para Platão, tampouco se trata de opinião ou probabilidade como concebido por Aristóteles: trata-se da verdade bíblica. No Medievo, a Lógica dominante era a escolástica, que buscava unir fé e razão.

Atualmente, o Cristianismo conta com seguidores de variadas correntes religiosas, entre eles: os católicos, seguidores da Igreja

Católica Apostólica Romana, que foi fundada durante o Império Romano; os luteranos, que surgiram da revolta do padre alemão Martinho Lutero contra alguns procedimentos da Igreja Católica no século XVI, desencadeando a Reforma Protestante; os presbiterianos, seguidores do teólogo francês João Calvino, no século XVI, durante a Reforma Protestante; os anglicanos, que também surgiram no século XVI a partir do rompimento do Rei Henrique VIII com a autoridade papal; os batistas, que também ganharam força a partir do século XVI, com a Reforma Protestante; os metodistas, surgidos na Inglaterra do século XVIII propondo reformas para a Igreja Anglicana; os pentecostais, que surgiram no início do século XX, dissidentes dos metodistas; e os neopentecostais, surgidos na segunda metade do século XX.

Podemos considerar que todas as correntes do Cristianismo se utilizam de técnicas retóricas tanto na conversão quanto na manutenção de seus fiéis em seus cultos, rituais e tradições. Ademais, com sua retórica, buscam influenciar a política dos estados, ocupando cadeiras no legislativo e no executivo, tanto no âmbito federal quanto no estadual e no municipal.

Nos Estados Unidos, por exemplo, nos dias atuais, a retórica religiosa é um aspecto importante para compreender como os candidatos se relacionam com os eleitores, embora a constituição americana proíba explicitamente que se valha de crenças e valores religiosos para se qualificar a cargos públicos. Em seu livro *Religious Rhetoric and American Politics*, Christopher B. Chapp (2012) mostra que os americanos frequentemente fazem escolhas políticas por se identificarem com esses valores. Chapp (2012) examina o papel da retórica política religiosa nas eleições americanas, analisando como os candidatos se comportam e como os eleitores reagem aos apelos religiosos na esfera pública. Segundo ele, a retórica religiosa se caracteriza por dois



fatores: as sugestões emotivas e os apelos à identidade coletiva — e esses fatores formam regularmente os resultados das eleições presidenciais americanas e a dinâmica da representação política. Apesar de tendermos a pensar que determinadas questões (como por exemplo, o aborto) são invocadas para apelar a circunscrições religiosas específicas, Chapp (2012) mostra que a retórica religiosa é frequentemente mais abrangente, não se restringindo a questões específicas. Ele conclui que a identificação do eleitor com uma religião qualquer é uma força motriz em eleições americanas, apesar das divisões entre as diversas religiões.

Charaudeau (2006) define a política como um conjunto de ações que visam à organização e à regulamentação da vida em sociedade, tendo em vista, idealmente, a obtenção do bem comum. A relação entre retórica e política ocorre na medida em que o sujeito político só consegue exercer sua atividade através da utilização de sua capacidade de persuasão em seu discurso, que se concretiza nas mais diversas situações que caracterizam o fazer político, seja na legislação, seja na promulgação de leis e sanções; seja nas discussões ideológicas acerca de quais seriam as melhores ações e posicionamentos; seja no processo das eleições, no qual ocorre a escolha daqueles que representarão os interesses sociais no âmbito dos poderes executivo e legislativo.

O formato debate eleitoral presidencial, que será objeto de nossa análise, está relacionado às duas últimas situações listadas, uma vez que é constituído por uma grande discussão acerca de qual seria o melhor representante do povo para exercer aquele que é o cargo máximo na hierarquia de responsabilidades e funções de nosso sistema presidencialista.

Para a obtenção de qualquer objetivo político, são várias as estratégias discursivas que podem vir a ser empregadas. Cabe destacar que elas podem ser compreendidas como

estratégias utilizadas por um sujeito ao longo de uma interação visando à persuasão de seu interlocutor (CHARAUDEAU, 2007).

A construção de uma imagem de si (*ethos*) que remeta à imagem ideal de um político, tal como idealizada pelo imaginário coletivo, pode ser uma dessas estratégias, pois, como afirma Charaudeau (2006, p. 87), “[...] no domínio político, a construção das imagens só tem razão de ser se for voltada para o público, pois elas devem funcionar como suporte de identificação, via valores comuns desejados”.

No entanto, a construção de uma imagem de si pode vir a obter sucesso com um determinado tipo de auditório e rejeição com outro. Um *ethos* de um político moderno, por exemplo, pode conquistar a adesão de um público mais jovem ou mais aberto a inovações, mas pode não ser bem visto por um público mais tradicional e conservador. Cabe então aos sujeitos políticos a apresentação de uma construção *ethoica* que atinja ou o maior número possível de pessoas, ou um auditório em específico.

Partindo da ideia de que o sujeito político necessita do suporte da identificação à sua pessoa e também de ser crível em sua empreitada, Charaudeau (2006), classifica o processo da criação da imagem do sujeito político em duas categorias de *ethos*: os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação.

Ele subdivide os *ethé* de credibilidade em três tipos: o *ethos* de sério, o *ethos* de virtuoso e o *ethos* de competente (CHARAUDEAU, 2006). Segundo o autor, esses *ethé* são baseados nas três características que permitiriam ao sujeito político conquistar a confiança do auditório. Já em relação aos *ethé* de identificação, destaca aqueles que seriam mais recorrentes, como: o *ethos* de potência, o *ethos* de caráter, o *ethos* de inteligência, o *ethos* de humanidade, o *ethos* de chefe e o *ethos* de solidariedade.



Neste trabalho, como um dos focos é a análise da utilização do discurso religioso em um debate político eleitoral, consideraremos como um dos *ethé* de identificação com o auditório o **ethos de católico**, com base nas imagens comumente partilhadas do que venha a ser uma pessoa praticante da religião católica e no fato de os candidatos à presidência se apresentarem diante de um auditório majoritariamente católico.

A partir do exposto, efetuaremos uma análise retórico-argumentativa do debate eleitoral presidencial ocorrido na cidade de Aparecida do Norte no ano de 2014. A metodologia adotada consiste em transcrever trechos de todas as falas enunciadas pelos oito candidatos ao longo de todo o debate, nas quais houve qualquer menção à própria religiosidade ou a símbolos e personalidades relacionados a qualquer religião (o que caracteriza um discurso religioso), buscando identificar possíveis estratégias discursivas utilizadas.

2 ANÁLISE RETÓRICO-ARGUMENTATIVA DO DEBATE POLÍTICO ELEITORAL

A primeira pergunta feita pelo mediador do debate, o jornalista Rodolpho Gamberini, questiona os candidatos a respeito de uma possível concordância em relação a um projeto de reforma política de eixos norteadores propostos pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (localização: 08min08s a 08min43s):

Os senhores e senhoras sabem, certamente conhecem o projeto de reforma política encampado pela CNBB. Como as senhoras e os senhores veem a necessidade da reforma política, com participação popular, levando em consideração a proposta da coalizão que defende: em primeiro lugar, impedir o financiamento de campanha por empresas privadas; em segundo lugar, eleições em dois turnos, primeiro dos programas partidários e depois das pessoas; em terceiro lugar, maior participação das mulheres; e em quarto lugar

a regulamentação do artigo quatorze da Constituição Federal?

A partir das respostas a essa primeira pergunta já podemos verificar a tentativa, por parte de seis dos oito candidatos presentes, de uma identificação imediata com o auditório católico. Para isso, fazem uso de dois tipos de estratégias discursivas: i) a criação do *ethos* de pessoa católica através da afirmação direta da própria crença; ii) a menção a símbolos ou a figuras importantes para o público católico, indicando conhecimento e respeito pela religião, ou ainda a indicação de proximidade em relação a alguma pessoa influente e seguidora da religião católica. A exceção ocorre por parte das candidatas Marina Silva e Dilma Rousseff, que não fazem qualquer menção à própria religiosidade ou a qualquer símbolo ou pessoa que remeta à religião católica.

Eymael deixa de responder à pergunta proposta e gasta seu tempo de resposta ressaltando sua formação católica e sua “própria história na democracia cristã”, criando para si o *ethos* de pessoa católica ao mesmo tempo em que demonstra familiaridade com conhecimentos e personalidades católicas (09min56s a 10min42s):

[...] De família católica, cresci, me desenvolvi nos quadros da ação católica. Fui benjamim, aspirante e depois um dos dirigentes da JOG, da Juventude Operária Gaúcha. E foi através da JOG que conheci a doutrina social da igreja onde Leão XIII, na *Encíclica Rerum Novarum*, afirma que o trabalho não é mera mercadoria, mas é expressão da dignidade humana. E foi através da própria JOG que conheci e me filiei ao PDC – Partido Democrata Cristão, lá em Porto Alegre, tornando-me democrata cristão e companheiro do grande líder democrata cristão Franco Motoro.

Aécio Neves, por sua vez, fala de seu contentamento por estar em Aparecida do Norte, ressaltando o fato de a cidade ter o nome da santa católica que é tida como padroeira do país e ainda relaciona a aprovação de uma lei



federal à atuação da CNBB, uma entidade católica (11min38s a 13min07s):

[...] Estou imensamente feliz de estar aqui mais uma vez na casa de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil e que Nossa Senhora possa nos ajudar a construir um tempo novo do Brasil onde política e ética voltem a ser compatíveis. [...] A CNBB ajudou muito para que a Ficha Limpa fosse votada e foi o primeiro e importante passo para uma reforma política.

Já Levy Fidelix cita o exemplo de Jesus Cristo, uma das principais figuras da religião católica (25min37s a 26min07s):

[...] Chega a ser criminoso o que fazem conosco dos partidos menores quanto ao tempo de rádio e televisão, não nos dando a visibilidade que merecemos e que poderíamos ter muito mais se nos dessem chance de apresentarmos nossas ideias, os nossos conceitos, nossos ideais. Vislumbro aí exatamente o que Cristo falou lá atrás, exatamente, procurou aos menos favorecidos e não procurou aos fariseus, nem aos romanos.

Ambos, Aécio e Levy, não chegam a se declarar textualmente como católicos nesses momentos, mas utilizam a estratégia da menção a seus símbolos, indicando conhecimento, respeito ou mesmo adesão à simbologia católica.

Os outros três candidatos também não se declaram como católicos, porém, utilizam como estratégia a demonstração de proximidade com figuras proeminentes e seguidoras da religião católica. Eduardo Jorge, por exemplo, inicia sua fala lembrando o aniversário de um cardeal (17min47s a 18min01s): “[...] quero aqui lembrar que domingo foi o aniversário de 93 anos do cardeal Paulo Evaristo Arns. Cardeal, se o senhor estiver nos assistindo, os doze ipês que nós plantamos nos seus 90 anos, passei lá recentemente, estão lindos”.

Luciana Genro, por sua vez, apresenta-se como sucessora de um político católico e busca demonstrar a existência de uma relação entre seu partido, o PSOL, e a entidade católica CNBB (20min01s a 20min36s):

[...] Pra mim é uma grande honra e um desafio suceder Plínio de Arruda Sampaio nessa tarefa de representar o PSOL nas eleições presidenciais. Plínio que foi um exemplo de cristão, um exemplo de católico e colocou a sua vida a serviço de um ideal de justiça e igualdade. [...] Não só o PSOL concorda como foi parceiro da CNBB e das entidades na construção dessa proposta de reforma política.

Já o Pastor Everaldo, um candidato que, por sua própria denominação, já inferimos ser um pastor de alguma religião evangélica, não cita sua própria religião, mas não deixa de mencionar que o presidente de seu partido político, o PSC, é um homem seguidor do catolicismo (22min24s a 22min36s): “[...] O Partido Social Cristão que tem como presidente doutor Vitor Nosseis, católico; padre Aleixo, filho do saudoso presidente Pedro Aleixo, tem proposta de reforma política clara”.

Outras tentativas de construção de um *ethos* de identificação com o auditório católico ocorrem pontualmente ao longo de todo o debate.

No segundo bloco, os candidatos passam a ser questionados por bispos indicados pelo presidente da CNBB. Nessa segunda rodada de perguntas e respostas, pela segunda vez o candidato Eymael reforça seu *ethos* de católico, enquanto Levy Fidelix e Aécio Neves, que anteriormente apenas citaram símbolos da religiosidade católica, dessa vez, também utilizam diretamente o *ethos* de pessoa católica.

Questionado por Dom João Carlos Petrini sobre “que políticas públicas podem corrigir o processo de desvalorização da família”, Levy declara ao longo de sua resposta (30min49s a 31min06s): “[...] sou católico, professo a minha



fé, frequento assiduamente as missas porque tenho convicção na necessidade que uma família unida e dentro da religião, ela pode ser também exemplo para os que vivem a sua volta”.

Aécio Neves, questionado por Dom Joaquim Mol a respeito de medidas para extinção do analfabetismo, do analfabetismo funcional e da baixa qualidade na formação educacional brasileira, declara-se praticante dos valores católicos, além de indicar alguma proximidade com o bispo que lhe fez a pergunta (37min56s a 38min25s):

“[...] Eu quero cumprimentar dom Joaquim Mol, da minha Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, onde aprendi muito os valores que pratico hoje, cristãos, católicos, onde me formei em economia e Dom Joaquim sabe o esforço que fizemos em Minas Gerais, ao longo dos últimos anos, e que nos levou a ter hoje, segundo o Ministério da Educação, a melhor educação fundamental do Brasil em todas as séries”.

Eymael, ao responder uma pergunta de Dom Leonardo Steiner sobre políticas que visem garantir direitos e dignidade a pessoas que se encontram em situação de rua, volta a citar a “democracia cristã”. Podemos destacar que, como candidato de um partido declaradamente católico, ele não deixa de ressaltar esse dado na maioria de suas falas, sempre citando a expressão “a democracia cristã” e colocando-se como porta-voz dela. Por meio da estratégia discursiva da repetição, o candidato trata de sempre reforçar seu *ethos* de católico, reafirmando para o auditório a possível identificação entre eles (42min26s a 43min31s):

[...]O compromisso maior da democracia cristã é o compromisso com a família, compromisso com a defesa dos valores da família, honra, caráter, dignidade, respeito aos mais velhos, solidariedade e o atendimento pleno das necessidades da família: emprego, educação, saúde, segurança, moradia. A dignidade humana é

pedra fundamental no pensamento da democracia cristã e quando se fala em recursos humanos, necessariamente temos que falar de igualdade de oportunidades. [...] Para a democracia cristã a igualdade de oportunidades é o ponto central do processo democrático.

Já Luciana Genro, perguntada por Dom José Belisário sobre seu entendimento por laicidade do Estado e a relação entre Estado e religião, declara-se como uma pessoa não religiosa, mas que possui “enorme respeito por todas as religiões”. Ela acrescenta que não vai se converter “ao sabor de uma necessidade eleitoral como muitos candidatos fazem”. Ainda que se estabeleça como uma pessoa não católica, descartando a estratégia discursiva da construção do *ethos* de católico, a candidata pode criar para si a imagem de pessoa sincera e corajosa, por ter a coragem de se declarar como não religiosa diante de um público católico e ainda “denunciar” a estratégia dos outros candidatos de utilizarem uma suposta conversão como estratégia de persuasão. Tal imagem pode ou não ser bem vista pelo auditório do debate (33min18s a 34min45s):

[...] Primeiro quero dizer com muita sinceridade que não sou uma pessoa religiosa, mas tenho enorme respeito por todas as religiões. Não vou me converter ao sabor de uma necessidade eleitoral como muitos candidatos fazem. Eu entendo que a laicidade do Estado deve ser defendida como uma garantia para todas as religiões e para quem não tem religião. [...] Cada um deve exercer a sua crença com toda liberdade e as políticas públicas pensarem nas necessidades do conjunto da população independente da religião que cada um professe.

As candidatas Marina Silva e Dilma Rousseff, novamente, não fazem qualquer menção à questão religiosa, sendo o mesmo feito, desta vez, pelos candidatos Eduardo Jorge e Pastor Everaldo.



No terceiro bloco, no qual os oito candidatos são questionados por oito jornalistas que “representam as mídias católicas”, identificamos apenas duas utilizações do discurso religioso como estratégia discursiva. Uma delas por parte de Eymael e a outra por Eduardo Jorge. O primeiro mais uma vez se coloca como porta-voz da democracia cristã ao ser questionado pelo jornalista Otavio Baldim a respeito da descriminalização das drogas (01h05min42s a 01h05min50s): “totalmente contra. A democracia cristã é contra, frontalmente, à descriminalização das drogas, inclusive da maconha”.

Já Eduardo Jorge, ao ser questionado pelo jornalista André Costa a respeito da descriminalização do aborto, mais uma vez indica proximidade com um bispo da igreja católica no início de sua resposta (58min08s a 58min23s): “[...] eu sou médico, sou autor da lei de planejamento familiar no Brasil. Dom Luciano, querido amigo da zona leste, esteve na Comissão de Seguridade Social discutindo comigo a atual lei de planejamento familiar do Brasil”.

Já no quarto bloco, único em que os candidatos podem debater uns com os outros, Eduardo Jorge volta a utilizar essa mesma estratégia quando questiona a candidata Dilma Rousseff a respeito de usinas nucleares, afirmando que, através da pergunta está fazendo uma homenagem a um militante católico, Chico Whitaker (01h36min48s a 01h37min10s):

[...] Eu faço uma pergunta homenageando o nosso querido Chico Whitaker, 83 anos, é veterano militante católico e preocupado agora depois da Ficha Limpa [...] e depois que resolveu esse problema da Ficha Limpa agora ele está preocupado com a questão nuclear.

Eymael, questionado por Marina Silva sobre a possibilidade de uma reforma agrária, também repete sua estratégia de reforçar seu *ethos* de católico colocando-se sempre como

porta-voz da “democracia cristã” (01h09min03s a 01h09min14s): “a democracia cristã tem um compromisso fechado com a agricultura brasileira. Notadamente com a agricultura familiar.”

O candidato Aécio Neves, por sua vez, também reforça o seu *ethos* de católico, já constituído anteriormente, quando é questionado pelo Pastor Everaldo a respeito do “mensalão” e “da descoberta de um esquema de corrupção na Petrobras”, referindo-se novamente à “casa da padroeira do Brasil” e aos “valores cristãos” (01h44min20s a 01h44min41s):

[...] O que eu acho, caro candidato, e nós tamos (*sic*) aqui no local, talvez o mais adequado, na casa da padroeira do Brasil, para dizer: não é possível que o Brasil continue ser administrado com tanto descompromisso com a ética, com a decência, com os valores cristãos, a vida pública não é pra ser exercida dessa forma.

Na sequência, após um embate direto com Luciana Genro, Aécio Neves volta a utilizar a mesma estratégia, quando lhe concedem um direito de resposta.

O embate se inicia quando Neves indaga Genro a respeito de seu projeto em relação à educação, mas a candidata prefere recorrer a uma estratégia de desqualificação de seu adversário (01h49min20s a 01h54min05s). Ela inicia sua fala declarando que o candidato critica o PT como se nos governos do PSDB não houvesse corrupção e segue afirmando que o PSDB foi o precursor do “mensalão” a partir da figura de Eduardo Azeredo, e que o PT deu continuidade a uma prática implantada durante o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Luciana Genro cita ainda o escândalo da compra de votos para reeleição de Fernando Henrique Cardoso, lembrando que o fato foi “amplamente divulgado pela mídia” e também cita a corrupção no processo de privatização



das empresas públicas, que ficou conhecido, mais tarde, como “Privataria tucana”. A candidata afirma também que as empresas do escândalo da Petrobrás são as mesmas que financiam a campanha de Aécio Neves, Dilma Rousseff e Marina Silva, acrescentando que foram elas que realizaram obras superfaturadas para a realização da Copa do Mundo, incluindo uma que chegou a desabar em Belo Horizonte. A postulante conclui sua fala afirmando que Aécio Neves tem amigos nessas empreiteiras e que é um dos políticos que mantêm vínculo com “os segmentos mais parasitários da política nacional”.

Em sua réplica, Neves responde ironicamente que gostaria de fazer uma saudação ao retorno da candidata às suas origens, atuando como “linha auxiliar do PT”. O candidato lamenta que ela não tenha apresentado nenhuma proposta para a melhoria da educação no Brasil e passa a falar de suas próprias propostas.

Em sua tréplica, Genro responde ao candidato: “com todo respeito, linha auxiliar do PT uma ova!” e torna a repetir as mesmas acusações, acrescentando a de que Aécio Neves utilizou dinheiro público para construir um aeroporto próximo às fazendas de sua família.¹

Em seguida, somos informados pelo mediador que Aécio Neves solicitou o direito de resposta. Quando esse se lhe é concedido, Neves utiliza seu tempo para voltar a utilizar a estratégia de identificação com o público católico ao dizer que se orgulha de sua “formação cristã, católica”, citando o fato de ter como padrinho o cardeal Moreira Neves e ignorando as denúncias feitas por Luciana Genro, as quais apenas classifica como “irrelevantes, irresponsáveis e levianas” (01h55min45s a 01h56min48s): “[...] eu me

orgulho muito do que fiz ao longo da minha vida, das minhas tradições, da minha formação cristã, católica, nas ruas da minha São João Del Rey sob as bênçãos do cardeal Moreira Neves, meu padrinho”.

Já durante as considerações finais, no quinto bloco, quatro dos oito candidatos presentes tornam a fazer uso do discurso religioso.

Eymael utiliza pela última vez a estratégia de se colocar como porta-voz da democracia cristã ao relatar um episódio que teria ocorrido durante a Assembleia Nacional Constituinte. Ele também reforça seu *ethos* de católico ao citar brevemente duas passagens bíblicas e se colocar como defensor da utilização do “nome de Deus” no preâmbulo da Constituição brasileira (01h58min10s a 01h59min04s):

[...] Quero, em homenagem à religiosidade do povo brasileiro, lembrar uma passagem da Assembleia Nacional Constituinte. Em um determinado momento, um pequeno grupo quis tirar Deus do preâmbulo da Constituição e foi a democracia cristã, através da minha voz, que se ergueu para derrotá-los. Disse àqueles quase 600 constituintes: que pretensiosos seremos nós se quisermos abdicar das próprias promessas do Cristo quando nos disse “quando dois ou mais se reúnem em meu nome eu ali estarei”. Ou quando nos diz: “pedi e receberéis”. E o nome de Deus permaneceu no preâmbulo da Constituição brasileira, abençoando e iluminando as famílias brasileiras.

Eduardo Jorge, por sua vez, reitera sua estratégia de sempre citar personalidades católicas, mencionando os papas Leão XIII, João XXIII e Francisco e também o bispo Dom Raimundo Damasceno (02h04min05s a 02h04min25s):

¹ Não apresentamos a transcrição desses trechos uma vez que foram citados aqui apenas para contextualizar o direito de resposta do candidato Aécio Neves, no qual ele

faz uso de um discurso religioso e que, portanto, é o que interessa para nossa análise.



[...] Eu agradeço a essa comunidade da Igreja Católica que tem dado ao mundo personalidades como Leão XIII, João XXIII e o papa Francisco. Me portei aqui como pedi dom Raimundo Damasceno, com clareza, com transparência e com verdade. Não me escondi em nenhum momento.

Levy Fidelix, durante suas considerações finais, torna a sugerir uma analogia entre ele e a figura de Jesus Cristo ao dizer que Jesus não estava com os mais ricos, mas com os mais pobres, assim como o candidato (02h09min08s a 02h10min12s):

[...] Queria lembrar a todos que se vocês estão de acordo com a grande mídia, com as empreiteiras, com todas essas empresas, bancos corruptos que estão por aí, vote nos mesmos. Continue ano que vem, nas próximas eleições de 2018, vão continuar reclamando, reclamando dos altos impostos, reclamando que falta saúde e educação, faltará também habitação, faltará de tudo porque a nossa mesmice vai continuar uma vez mais acreditando na falácia das grandes corporações. Jesus Cristo (apontando para cima) disse lá atrás, ele não estava nem com o Cesar nem com os fariseus (sic), mas sim com o povo pobre, escolheu pescadores humildes e eu estou aqui para dizer aos senhores: eu sou exatamente aquele candidato que pretende colocar o dedo na ferida, que pretende colocar em todos os meus debates que o povo sofre e não tem saída.

Já o Pastor Everaldo faz menções a bandeiras defendidas pela igreja católica e por outras correntes do Cristianismo, dizendo-se contrário à legalização do aborto, à legalização das drogas e a favor da família tal como está na Constituição, além de citar o nome do Deus cristão ao fim de sua fala (02h07min32s a 02h08min52s):

[...] Reafirmo aqui o meu compromisso em defesa da vida do ser humano desde a sua concepção. Sou contra o aborto, sou contra a legalização das drogas, sou contra ou a favor

(sic) da família como está na Constituição brasileira [...]. Deus abençoe a você, Deus abençoe a sua família, Deus abençoe o nosso querido Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo específico identificar o discurso religioso como estratégia discursiva ao longo de um debate político eleitoral. Em nosso trabalho, foi feito um breve percurso histórico acerca da relação entre a retórica, a política e o discurso religioso, a fim de uma maior compreensão dos temas que foram objeto de estudo. Através desse percurso, foi possível constatar a presença das raízes retóricas na formulação e na propagação do discurso religioso cristão.

Partindo desse pressuposto, não é surpresa a utilização dos meios persuasivos, até os dias de hoje, em temas que digam respeito a questões religiosas e à utilização do próprio discurso religioso como estratégia persuasiva.

Identificamos, assim, a utilização do discurso religioso como estratégia discursiva por parte de seis dos oito candidatos presentes no debate. Enquanto Aécio Neves, Eymael e Levy Fidelix se utilizaram do que chamamos de ethos de católico; Eduardo Jorge, Luciana Genro e Pastor Everaldo buscaram uma identificação com o público católico demonstrando alguma proximidade com personalidades católicas, recurso também utilizado pelos três candidatos citados anteriormente.

Obviamente não temos a pretensão de identificar todas as estratégias discursivas ou esgotar a análise retórico-argumentativa acerca desse debate, uma vez que realizamos a análise sob a perspectiva da utilização do discurso religioso em meio ao discurso político e várias outras perspectivas e pontos de vista acerca das estratégias discursivas ainda podem vir a ser adotados.



REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Biblioteca de Autores Clássicos, 2005.
- CHAPP, B. C. **Religious rhetoric and American politics: the endurance of civil religion in electoral campaigns**. Cornell: Cornell University Press, 2012.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- FUNARI, P.P.; GRILLO, J. G. Política, retórica e religião na Grécia antiga in: SOUZA, J. R. A.; SILVA, J. L. P. (Orgs.). **Educação, política e religião no mundo antigo**. Teresina: EDUFPI, 2012, p.61-88.
- GONZÁLEZ, J. L. **Uma história ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- TV APARECIDA. **Debate político eleitoral presidencial**. Aparecida do Norte [2014]. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Kqvp23LYFsQ>. Acesso em: 28 fev. 2019.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

FONSECA, E. O discurso religioso como estratégia discursiva em um debate político. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana/MS, n. 4, p. 4-14, 2017.